









Contem a p. 31 a "Glosa ao soneto de
Luiz de Camoens..." de autoria de
Antonio José da Silva, o Judeo.

Rarissimo

ACENTOS SAUDOSOS
DAS
MUSAS
PORTUGUEZAS

Na sentidissima morte da Serenissima
Senhora a Senhora

D. FRANCISCA

Infanta de Portugal.

E A O R A C, A O

que pela mesma causa recitou no Paço
O MARQUEZ DE VALENC, A
Censor da Academia Real.



LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

Anno M. DCC. XXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

ACCIDENTES CAUDOSOS

248

M U S A S

PORTUGUEZAS

Na lancha de S. Antonio

de S. Paulo

DEFRANCISCA

de S. Paulo

E L A O K A C A O

que pela mesma causa se deu no 1790

OMARQUE DE VALENÇA

de S. Paulo



LISBOA OCCIDENTAL

Na Off. de ANTONIO RIBEIRO DA SILVA

A 10 de Maio de 1837

Com a No. 1000 de 1837



SENHOR.



M nome desta Real Academia, Corpo, que V. Magestade sempre alenta como Sabio, ainda quando defanima o seu coração como enternecido, venho dar a V. Magestade os pezames pela morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca de saudosa, e eterna memoria, pedindo humilde, e zelosamente a V. Magestade, que não só queira receber os pezames, mas admittir os alivios da sua justissima dor.

Os pezames se reduzem, Augusto, e magoado Principe, àquelle triste pensamento de se roubar do sagrado destas Antecamaras na morte da Senhora Infanta hum retrato de V. Magestade na candidez, grandeza, e benevolencia do coração, o mais bem debuxado, e colorido, idéa, e execução feliz de hum Divino Artifice. Os alivios se encerraõ, penetrado, e constante Monarca, naquella fatal experiencia, de que as virtudes senaõ conhecem, e menos se celebraõ, senaõ depois de sepultados os Herões. Tem elles, e tem ellas a condição das Estrelas, que só brilhaõ de noite, que só scintilaõ entre sombras. Se isto acontece às fixas no Firmamento, que será às errantes na terra? Não se pôdem logo queixar os Astros, que formou a lisonja dos homens, se os que criou o soberano Autor da natureza padecem o mesmo embaraço das suas luzes.

He

He licito ao sangue , he decoro'õ ao amor , he devido à semelhança, he glorioso à ternura de V. Magestade , que as lagrimas não são indecentes nos Heróes , acudaõ pela nobreza deste pranto os que as choraraõ por menos causas , que sinta V. Magestade com as finezas de generoso , e agradecido , isto he, de Irmaõ amante , e amado a intempestiva morte da Senhora Infanta , faltando por ella a mais vistosa guarniçaõ da Purpura de V. Magestade, o mais fino esmalte do seu brilhante setro , o mais limpo diamante da sua preciosa Coroa. Quem he Senhor como V. Magestade Endimiam , e Apolo , Narcizo, e Adonis , está mais obrigado a sentir o eclipse da Lua, a ausencia do Girasol , a turbaçaõ dos cristaes, e a tragedia de Venus. Que olhos ha Senhor taõ imperfeitos, que não sintaõ ver luzes apagadas sem esperança de novo incendio, matizes desmayados sem socorro de novas cores, e flores murchas sem beneficio de nova vida? Que sentimento , e que l^oma será logo a de V. Magestade nascendo a Guia Real, costumada a empregar a agudeza da vista nos rayos do mayor Planeta , observando amortecido o seu resplendor, que será, torno a dizer, vendo V. Magestade a Aurora sem rizo, o Occaso do Sol sem Oriente , e a morte da Fenix sem resurreiçaõ?

Mas se o Altar, em que se costumaõ collocar as Imagens das pessoas illustres, só se levanta depois da sua morte, e são mais as ceremonias do respeito, quando são mais os estragos da Parca , que parece que está o fogo dos sacrificios cuberto destas nobres cinzas: se as pedras das sepulturas são Padroens dos sepultados , e se só no silencio dellas se ouvem distintamente as vozes da fama immortal , não nos queixemos já do costume da morte, que nos dá mais a sua igno-

3
ignorancia, do que nos tira a sua cobiça : antecipa-
nos hum nome glorioso na posteridade, quando nos
apressa hum golpe necessario à nossa natureza.

Poem embargos a nossa vassalagem, e a nossa
conservação como affustadas do seu grave perigo ao
excesso da magoa de Vossa Magestade no Tribu-
nal da sua prudencia, mostrando que a nossa dor
he tal pela morte da Senhora Infanta, que merece-
mos que Vossa Magestade a alivie com o seu desa-
fogo, e não que a accrescente com os seus extre-
mos. Não duvidamos do acordo de V. Magestade,
mas tememos, que elle só concorra para a resig-
nação, e falte para os alivios. Não queira Vossa Ma-
gestade, que quando nos não queixamos do seu co-
ração irado pela justiça, nos queixemos do seu ani-
mo enternecido pelo amor.

E já que participão das influencias de V. Mage-
stade para os seus celestes movimentos os mais Af-
ros da Casa Real, não permitta V. Magestade que
a densa, e triste nuvem da sua apreensão o faça me-
nos benéfico. Basta Senhor de effeitos de homem, he
tempo já dos attributos de Rey, derramar lagrymas
he da natureza, enxugallas logo he da Magestade.
Os vinculos do parentesco não são mais fortes, que
os do diadema, e se huns apertaõ o coração com
que se ama, outros apertaõ a cabeça com que se re-
ge, e está primeiro, Senhor, que V. Magestade se
mostre Pay que Irmaõ, racional que sensitivo, en-
tendido que lembrado, Heroe que amante.

A: MOR-

A^c M O R T E
DA SERENISSIMA SENHORA INFANTA
D. FRANCISCA.

S O N E T O.

Murchou-se a Flor da Estirpe Portugueza
Da Profapia Real da Infanta Augusta!
Se o ecco só desta ruina affusta,
Que fará ver cadaver a grandeza?

O Real fangue, a singular belleza
Tudo de hum golpe corta a Parca injusta:
Seja dor se avaliar pelo que custa,
Preço não tem cabal na natureza.

Se o Sol fora capaz de sentimento,
E seus rayos vestisse de capuzes,
Inda não expressara a dór mais forte;

Só fim se no do impyreo luzimento,
Perdessem; luz as incorporeas luzes
Vendo de hum Serafim triunfar a morte.

*Contra a Morte, roubando a vida à Serenissima Senhora
D. FRANCISGA Infanta de Portugal.*

S O N E T O.

Dessa cruel traição, dessa ouzadia
Armada de sacrilega braveza
Està queixoza, ó Morte, a natureza,
Pois licença para ella negaria.

Sim, que sabe o respeito, que devia
Dessa bella Deidade à Sacra Alteza,
Na qual os privilegios da belleza
Dobravaõ cultos à soberania.

Esse cego furor, violencia dura
Rèos se constituirão da impiedade
A que justo castigo a dór segura:

Condenada seras em toda a idade,
Pois commete esse golpe à fermosura
Dois delictos de leza Magestade.

DESCUL-

DESCULPASE A MORTE.

SONETO.

A Ceuza Portugal a crueldade
Deste estrago, que fiz na fermosura,
Cortando de repente a fouce dura
Com a belleza unida a Magestade.
Com prèssa o fiz; confesso que hè verdade
Naõ consenti contra a ferida cura;
O tempo abbreviey por ter segura
No fatal golpe a ley da humanidade.
Que o furor suspendesse da fereza
Pedia da belleza a digna sorte,
Mas naõ hè permitido à natureza:
Se naõ aprèssõ tanto o duro cõrte
Na attençaõ, que devia a tal belleza
Ella fica immortal; e eu naõ sou Morte.

A MORTE DA SERENISSIMA SENHORA

Infanta D. Francisca.

SONETO.

E Ste, que viste, ò Licio, astro animado
Resplandecer no Luzo Firmamento,
Iã desmayado o luminoso alento
Se ecclypsa em cinzas frias sepultado.
Purpurea flor brilhou no Regio prado,
Das flores foi Princeza, e ornamento,
Mas desfolhoulhe a Pãrca o luzimento,
Roubando a Flora o idolo adorado.
Nem fermosura val, nem val grandeza,
Quando a Parca vestida de crueldade
Vem pedir o tributo à natureza:
Porque ainda que allegue a flor da idade
Privilegios de luz, fòros de Alteza,
Todos rasga na cara à Magestade.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

N Aõ morre o Sol, inda que o Sol se auzente,
Porque a dois Emisferios obrigado,
Para hum: nasce de rayos coroado,
Quando o outro da luz a falta sente:

Esse astro bello, Sol resplandecente
De Lyfia, que Emisferio tem mudado,
Nem morta a luz, nem resplendor roubado.
Lhe tem as tristes sombras do Occidente:

Das lagrymas a vista embaraçada
Julga por morta a luz, que està escondida,
E a melhor Emisferio tresladada:

Mas saiba, que em Esfera mais luzida
Brilha mais alta, bella, e sublimada
A Magestade, a Fermosura, a Vida.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

E Sfa, que vés o Fabio, redufida.
A cinza breve flor agigantada,
No trono da belleza venerada
Adoraçãõ lograva merecida.

Se se ouvir a rezaõ, a Real Vida
Pedia duraçãõ mais dilatada:
E a pezar da razaõ, defanimada
Da morte a deixou já seta atrevida.

Naõ accuzes da morte a orueldade
Nesse estrago, que vés na sepultura,
A que Esplendor naõ val, nem Magestade:

Oh revèle o segredo a pedra dura!
Era a mais bella flor da nossa idade,
E do achaque morreo da Fermosura.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

Suspende o golpe, ó Morte arrebatada,
Detem a mão, ò Parca enfurecida,
Pois deixas no despojo de huma vida
Toda huma Monarchia desmayada.

Da tua furia cegamente irada
Tanto sente a sacrilega ferida,
Que da dór penetrante amortecida
Entende que está já defanimada.

Derribaste por terra o edificio
Em que no simulacro da belleza
Se fazia adorar a Magestade:

Mas nunca acabaràs o Sacrificio,
Que o reverente fogo da fineza
Ihe há de accender no altar da saudade.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

Qual a Achilles a casta Polixena,
Que passou de cuidado a Sacrificio,
Fez a terra do gosto, precipicio,
Pois a estatua do Amor do pò fez Scena:

Despojo a Ferosura se condena,
Mas se o mundo acabou neste edificio,
O seu reparador para o exercicio,
Neste pò torna a vida, e acaba a pena.

He terra o mundo, e em pò sua memoria
Escreveo a sciencia, que he Divina
Ao desengano, e ao remedio historia.

Se do homem vivente o pò he mina,
Nessa Infanta, que he victima à van-gloria,
Espere-se milagre, o que he ruina.

De Braz Jo. é Rebello Leite.

B

A^{me}.

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

SONETO.

D Esmayado Planeta, que accidente
Perturbou de teus rayos a harmonia?
Como se atreve ao Ceo tanta agonia
Sem que a dór sacrilegios acrecente?
Se eras da Lusa Esfera Astro vivente
Que de luzes Imperios produzia;
Como o Augusto esplendor, que enveja o dia
Hoje te usurpa sombra irreverente?
Aqui dizem se occulta essa luz pura;
Mas eu hoje com raro, e novo espanto
Em crystal heide abrir-te a sepultura.
Esse Tumulo he breve a Occaso tanto;
Pois de hum Sol eclipsado a Ferosura
Só tem urna decente em mar de pranto.

De Manoel Pereira da Costa.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

D O jardim Luso a melhor flor sem vida!
A Imagem de Minerva sem alento!
Das tres Graças o Coro em sentimento!
Do Sol a precursora escurecida!
Da Aurora a melhor perola perdida!
Da Lusitania o Ceo sem movimento!
Do bello o Original sem lusimento!
A luz da Lyfia a sombras reduzida!
Do Augusto a Idea ja sem permanencia!
Da Regia Estirpe em flor cortado o fruto!
Todo o Imperio do Amor em decadencia!
Transformado o divino em triste luto!
Ou parece se esquece a Providencia,
Ou passa a crueldade, o que he tributo.

Do mesmo.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

SO' tu feràs da adoraçãõ preceito
Idolatrado marmore querido,
O mysterio, que guardas escondido
Naõ se põde ocultar para o respeito.
Se tens ao teu silencio ja fojeito
O divino a cadaver reduzido,
Naõ se veja o objecto esclarecido,
Que ainda ha fé, que idolatre por conceito.
Jaz no segredo dessa pedra fria
A Infanta venerada da fineza,
E creceraõ os votos cada dia
Porque a fidelidade Portugueza
Herdarà com a vida a idolatria
Fazendo-se do culto a natureza.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

NAõ te queixes do Ceo Lyfia sentida
Inda que a dõr te tem desfacordada,
Porque a luz, de que a posse tem tomada
Naõ foy roubada, foy restituída:
Sõmente ao Firmamento era devida
Essa fermosa luz, essa adorada
Princeza, que hoje goza sublimada
De immortal a ventura merecida.
Era do Ceo a luz, que tens perdido,
Levalla naõ foy nelle acçaõ violenta,
Improprio estava em ti celeste ornato:
Naõ te queixes, que o Ceo compadecido
Quer quando morta a luz de ti se auzenta,
Na do Sol tenhas vivo o seu retrato.

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

S O N E T O.

Que percas o respeito à Magestade,
Do teu rigor he proprio, ò Parca dura,
Que te atreuas tambem à Ferosura,
Nãõ tem tanto poder a crueldade.

Das tyranas pençoens da humanidade,
E do funebre horror da Sepultura,
Bem podia a belleza estar segura,
Se nãõ errara o golpe a atrocidade.

Deixa o fatal rigor Parca atrevida,
Que esse teu rigoroso, errado corte,
Ja te poupa o trabalho de Homicida.

Pois a perda geral he de tal sorte,
Que para se acabar a humana vida
Bastará da faudade o poder forte.

De Francisco de Saldanha da Gama.

*Ao mesmo assumpto Soneto de consoantes forçados, que são os
mesmos do Soneto do Doutor Luiz Borges de Carvalho.
Corregedor do Cível da Cidade.*

S O N E T O.

Este furor violento, esta crueldade,
Este golpe fatal da sorte dura
Como intenta ultrajar a fermosura,
Se offende juntamente a divindade?

Se intenta encarcerar a immensidade
De tantos coraçoes na sepultura;
Fiquenos para gloria ja segura,
A perpetua, e constante faudade.

Mas como ha de servir hoje de objecto,
Aos impulsos crueis da triste sorte
Hum compendio de assombros taõ selecto!

Suspenda a dura Parca o fero cõrte,
Pois segue erradamente o seu projecto
Se entende, que a belleza cede á morte.

De Antonio Francisco de Saldanha da Gama.

A morte

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

SONETO.

A O mais brilhante Sol da fermosura,
Ou luz que antes do Sol mostrava o dia,
Ou astro que de noite se accendia,
Escurecer a morte hoje procura.

Esconde-se no horror da sepultura
O bello resplendor com que luzia;
Quem não ha de temer, se he cinza fria
Dessa Esfera celeste a luz mais pura?

Porém se a nossos olhos se escurece,
Tresladada a mais alto, e claro assento,
Nos seus rayos eclypses não padece.

Melhora immensamente o luzimento,
Pois ja no mesmo Empyreo resplandece,
Se atéqui scintilou no firmamento.

Do Conde do Vimioso.

AO MESMO ASSUMPTO

SONETO.

JA obedece ao universal preccito
Da cruel Libitina a Magestade;
Ja caduca de forte a Divindade,
Que se converte em lastima o respeito.

Essa uniaõ do forte, e do perfeito
Não bastou a impedir a adversidade:
Antes tal fermosura em tal idade
Acrecenta o pavor do triste effeito.

Mas se da Parca foy taõ ultrajada,
Tirou do sacrilegio honroso culto,
Na habitaçãõ celeste collocada.

Assim goza feliz de sacro indulto;
Ficando eternamente venerada
Com piedade mayor, que o mesmo insulto.

Do mesmo.

A morte

12
A morte da Senhora Infanta D. Francisca

S O N E T O.

TAõ depressa nos tiras cruel fado
De todo o Portugal a fermosura?
A mais prudente, e sabia creatura?
Espirito que o naõ ha mais elevado?
Naõ do fado he rigor; o destinado
Custodio deste Reyno nos segura,
Que quando a terra perde esta ventura,
Solio melhor no Ceo tem preparado.
Da sublunar morada à rutilante
Sobe, deixando eterna faudade
A' terra, que a contempla taõ distante:
Do nosso sentimento a atrocidade
Só pòde moderalla a radiante,
Que em nova vida goza eternidade.

De Joaõ Baptista Lavezaro.

AO MESMO ASSUMPTO

S O N E T O.

RIo naõ corre ao mar taõ violento,
Nem Ave vaga canta taõ contente,
Nem no Ceo brilha Estrella taõ luzente,
Que nesta dõr naõ mostre sentimento:
Placido, ou Forte naõ respira vento,
Planta naõ hà na terra taõ florente,
A quem eu naõ descubra amargamente
De meu peito ferido o graõ tormento:
E inda que de meu peito a dõr naõ callo
Neste Occaso fatal da bella Infanta,
Cura naõ hà que possa aliviallo:
E se busco remedio a magoa tanta
Quando em montes, ou prados quero achallo,
Do insensivel a dõr mais me quebranta.

Do mesmo.

Nelja

Nella morte della Serenissima Infanta de Portogallo D. Francesca.

SONETTO.

Morta era la bellezza, e si vedea
Vestito Amore in luttuoso ammanto :
Auea l' arco spezzato, e si giacea
Mesto, e pensoso alla grand' Urna accanto.
Questa è la REGIA DONNA, egli dicea,
Che feco porta di più Regni il pianto :
Qual fù la mano ingiuriosa, e rea,
Che diede il colpo? e chi pote' cotanto?
Ah Morte, Morte, non ancor sei paga
Tu di stragi reali? Jo bien disvelo,
Ch' è tua la destra, e che fù tua la piaga.
Misero me! Se dal tuo crudo telo
Esente non andò Deità si vaga,
La Madre mia non è sicura in Cielo.

L. A. V. C.

Nello stesso argomento.

SONETTO.

Barbaro tuo vanto fù, iniqua Morte,
Togliere del Mondo la Reale Infante,
Per mostrare che il tuo furor baccante
„ A i stessi Numi fá l' ore più corte.
Nó non soffristi nõ veder la forte
Andar col fenno a tutte l' altre avante,
E i beni di quaggiù sprezzar costante,
E sempre lieta gioir di sua sorte.
Ma che? Mira pur mira a tuo dispetto
Lo Spirito gentil splendor più bello,
Già del corporeo velo, e scevro, e netto :
E il cielo adorno di splendor novello,
E lei fatta di nostro culto oggetto,
Rider di te, e del tuo colpo fello.

UB

Un Pastore piange la morte della medesima alludendo al Cometa dicefi apparso.

SONETO.

14

„ **S** On le pecore mie pur magre , e smunte ,
Belando van per ogni prato , e campo ,
„ Ma rio non v' è che scorra , erba che spunte ;
Jo d' ira insieme , edi stupore auvampo.
Ah ! dove ahi me ! ah dove mai son giunte !
Ben mel predisse quel crinito lampo ,
Ch' in Ciel io vidi : così son congiunte
A i segni le sciagure , e senza scampo.
Eran essi poc' anzi e pingui , e belle :
Rideva d' ogn' intorno il prato , e' l rio ;
Ahi ! che misero me non son più quelle !
E mentre la cagion ne chiesi : oh Dio !
Udj più voci , e suon di man con elle ;
Di questi campi dir la Dea morio.

SONETTO.

U Dj più voci , e suon di man con elle
Di questi campi dir la Dea morio ;
E rammentommi allor un pensier mio ,
Ch' ebbe colei le virtù tutte ancelle.
E pensai che tanto nel Ciel le stelle
Care non son , quanto il temprato brio
Grato fú , e' l matur fenno , e' l natio
Valore di quel petto in fesso imbelle.
E pensai ch' accese quel bello altero
E Prenci , e Regi , e che i bei vezzi tuoi ,
Donna , fé del eterno bel già fero :
E morte all' instante lei tolse a noi :
Ahi pena ! Ahi duolo ! Ahi duolo assai più fiero
Se ad un ad un rammento i pregi suoi.

AO MESMO ASSUMPTO.

SONETO.

15
N Este golpe mayor temeridade
Executaste atroz, oh Parca impia;
Pois o menor arrojo da oufadia
Foy naõ guardar respeito à Magestade.
Da Belleza à celeste immunidade
Se atreueo tua enorme tyrania,
Que bem outros indultos guardaria
Quem os foros rompeo da Divindade!
Do teu curvo instrumento o duro cõrte
Inutil fica ja sem ministerio,
Que a todos mata a dõr da infausta sorte.
O que julgas brazaõ, foy vituperio,
Que se a todos mataste nesta morte,
No teu triunfo acaba o teu imperio.
De Joaõ Manoel de Mello.

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

SONETO.

D A bella Infanta o singular portento
Mais o esplendor na mesma sombra apura:
Foy preciso eclipfarlhe a fermosura
Para assim perceberlhe o luzimento.
Astro brilha immortal no firmamento
Duplicandolhe a luz a Parca dura:
Que a porçaõ que lhe toca à sepultura
Alumea tambem pelo escarmento.
Ao pagar as pensoens da natureza
Inda conserva indultos a beldade,
Inda tem privilegios a grandeza;
Pois nos dà no espondor, na autoridade
Mais claro desengano a gentileza,
Mais alto documento a Magestade.
De D. Joze Gomes de Menezes.

C
A morte

16
A morte da Senhora Infanta D. Francisca

SONETO.

INtactas a Belleza, e Magestade
Ficaraõ no mortifero preceito,
Que a vida pereceu, naõ o respeito,
Que o computo da honra he a eternidade.

Se da Belleza fosse emprego a idade
Mudaria, tal vez, o nobre effeito,
Porèm morte, que foy vida ao conceito
Atè deo à miseria authoridade.

A privilegios de alta providencia
Fez o danno fatal firme a ventura
Pois naõ foy a ruina decadencia;

Mas trocada em Palacio a sepultura;
Existe a Magestade na obediencia,
Na memoria só lembra a fermosura.

Joze Soares de Mendoga.

A la muerte de la Señora Infanta de Portugal

D. Francisca, hermana del Serenissimo

Rey D. Juan el Quinto.

ROMANCE ENDECASYLABO.

DE los mas levantados edificios
Suenan en la Monarchia Portuguesa
Por voces de metal un clamor triste,
Que antes al Alma, que al oydo llega.

Por quien está gimiendo el duro bronze?
Que motivo, asultando las Esferas,
Haze trocando el natural effecto,
Que enternecido lo insensible sienta?

Muestrase el Firmamento el offendido,
Pues del caso fatal que experimenta,
Por el ayre se informa, y por el ayre
Communica el aviso, dá la queixa.

Muriò

Muriò la Infanta, aquel compendio hermoso ;
De tantas soberanas excelencias,
Que para la atraccion del sacrificio
Nunca necesitò de la grandeza.

De sus inimitables perfecciones
Cada qual sola fué del culto empreza :
Como seria el esplendor sagrado
Donde la Magestad era superflua?

El Palacio, la Corte, el Reyno, el Orbe ;
Padecen, pues le falta la belleza
Luz del Palacio, de la Corte gloria
Del Reyno admiracion, del Orbe Estrella.

Los Reyes asustados, mas constantes
Sienten el golpe, sufren la violencia ;
Unen lo magestoso al compasivo ;
Vinculan la piedad a la entereza.

En el triste espectaculo, que miran
Todo el amor, y la razon empeñan,
Porque votan amantes, y conformes
Igualmente la sangre, y la paciencia.

Se asombra, se enternece, se congosa
De ambos los sexos la mejor nobleza,
Porque uno en su respeto se acredita
En otro de sus luzes se alimenta.

Hasta la plebe rustica padece,
Que aunque las Deidades se comprehendan
Solo por los conceptos superiores,
Le mejora el dolor la inteligencia.

Basta lo racional al sensitivo,
Que en los discursos de menor idea,
Se apura el corazon en los pesares,
Sin que el juicio le quite la impaciencia.

Formado un solo corazon de muchos
Al Feretro procuran, y se queixan,
Diziendo con profunda idolatria
Por los gemidos màs, que por la lengua :

Como es posible, que la muerte infausta
Contra la inmunidad, Infanta bella,
Reduzga una Deidad en un Cadaver,
Convierta un Sol en sombra, un Cielo en tierra?

18

Ya las indemnidades mysteriosas
Por la Parca traydora nõ se observan?
Como es despojo quien fué solo triunfo?
El simulacro como se haze offrenda?
Tu beldad sacra espirito parece,
Como la immortal parte nõ te izenta,
Si de los accidentes a milagros
En ti se eternizava la existencia?
Humana nõ te creyan nuestros ojos,
Parece que ordenò la providencia,
Que moriendo, la fé nõ te adorasse
Divinizada la naturaleza.
Pues si nõ te faltasse lo infinito,
Quien negaria en ti divina essencia?
Dando, por la hermosura de la forma,
El mismo privilegio a la materia.
En esta magoa ni del sufrimiento
Recibe los remedios tanta pena,
Porque en su actividad, la tolerancia
Fuera mas que virtud, irreverencia.
Estes afectos, que consagra el pecho,
Y te dedica yà despues de muerta,
Intereses nõ son de la esperança,
Obsequios puros son de la fineza.
La veneracion duda de tu muerte,
Y en la incredulidad la lealtad nuestra
O communica, o restitue la vida,
Que impia te robò la Parca ciega.
Aun muerta seras siempre idolatrada,
Que a la constancia Luzitana excelsa
No se sigue del tumulto el olvido,
El rito en el sepulcro se renueva.
Y mas quando la causa purifica
Con la misma extencion, con que atormenta,
Pues no solo autoriza sentimiento,
Mas tambien es exemplo a la advertencia.
Oh si pudieffen restaurar los votos
Tu vida augusta en victimas eternas!
Pero si lo immortal no te consiguen,
Lo caduco parece que te niegan.

Las Almas conspirando en favor tuyo
Buscan Original, la copia encuentran,
Y como a penas ven la semejança
Hasta en la adoracion sienten la offensa.

Ni esconderte podrá la sepultura
Del holocausto a la intencion inmensa,
Que el ardor eficaz de tanta llama
Penetra la dureza de las piedras.

Llevada en fin al regio monumento,
Renovado el dolor, la queixa nueva,
De altar està serviendo el triste marmol
Al recuerdo, al pezar, a la obediencia.

R O M A N C E .

Comtigo fallo ò Cadaver
Todo cuberto de luto,
Porque já quem te animava
Passou para melhor mundo.

Tu foste no Regio Trono,
Que domina o Imperio Luso
O man das liberdades,
O lo para os Cultos.

A sem Croa, e tu sem Sceptro
Foste a toda Europa assumpto,
Que era pequeno hum Imperio
Despojo de teus triunfos.

A luz, que teus olhos dava,
Mais origem, que rascunho
Era da luz, que penetra
O feyo da terra escuro.

A magestade, e belleza
Tudo em ti se via junto,
Naõ só em grão eminente,
Tambem superior a tudo.

Hoje porèm quando vejo
Sem gala, e sem luz teu vulto,
Ou do que foste me esqueço,
Ou do que es me confundo.

E ras

20
Eras então dos olhos,
Hoje es medo, hoje es susto,
Da memoria no passado,
Do cuidado no futuro.

Enigma te considero,
Onde perplexo o discurso
Não acerta a descifrar-te
Por ficar sem alma escuro.

Quando vivo, respeitado
Te vi eu, porém defunto
Estás dando defenganos
Que eraõ respeito caducos

Não só tua vida a Parca
Cortou com seu golpe duro,
Tambem na flor da tua idade
Levou da esperança o fruto.

Foste assistido, e animado
De hum espirito taõ puro,
Que com seres taõ perfeito
Lhe não parecete justo.

Por isso todo abrazado
No amor de Deos Trino, e Uno
Te deixou por terra à terra,
Sobio para o Ceo seguro.

R O M A N C E .

T Rocado em Cypreste o Louro,
O Parnaso em Cemiterio,
As vozes como defuntas
Atè do alivio saõ medo.

Apollo já quebra a Lyra,
Pois sem o assumpto mais bello,
Só para ser punhai d'alma
No coração mete o plectro

A Castalia no seu fluxo
Introduz o sentimento,
Que o cristal no sobresalto
Fragil tributa os obsequios.

Que

Que diminue, parece,
As almas golpe taõ fero,
Pois quem lhes tira a vontade,
As deixa opprobrio do affecto.

Reliquias da faudade
No que existe de bom temos,
Pois tudo que encontra o gosto
Apura a perda no excessõ.

Fecharaõ-se aquelles olhos,
Que do agrado eraõ misterios,
Porque nunca a confiança
Lhes calculou o respeito.

A purpura, que no rostro
Foy gala do nacimiento,
Caducando a Magestade
Nella o desmayo foy pejo.

Cahio toda aquella neve,
Porque chegou a ser pezo
A' natureza do barro
Distincto merecimento.

Mas com injuria da Parca
Da Sepultura fez Templo,
Que onde os Sufragios faõ cultos,
A oraçãõ fica perto.

Hum inextinguivel fogo
Dos nacionaes castos peitos
He da Infanta Lusa Vesta
Alampada ao monumento.

Porque quando alli se occulta,
Entaõ faz a fé progresso,
Que esta sem ver a quem ama
Deixa o tino mais discreto.

Naõ he tumulo, he cortina,
A que encobre o altivo objecto,
Que a belleza inda cadaver
Faz oraculo o silencio.

Tornarse pò ferà gloria,
Porque no confuso termo
Da ruina, a da pessoa
Faça o despojo, segredo.

Lea-se embora no jaspe
 O pregaõ do sacrilegio,
 Tal morte naõ a acredita
 A verdade, mas o genio.
 He fem duvida, que a Infanta
 Dorme alli sono quieto,
 Mas se a vida he como sonho,
 A morte ferà disvelo.

De Braz Joseph Rebello Leite.

AO MESMO ASSUMPTO
ENDECHAS ENDECASILABAS.

A O pè de hum Monumento,
 Em que a Morte escondia
 O triunfo, que alcançara
 Do claro resplendor do Sol de Lyfia,
 Ajoelhada estava
 Desmayada, e rendida
 A mais fina Saudade,
 E entre suspiros, e ays assim dizia.
 No sagrado silencio
 Dessas entranhas frias
 Esconde ò pedra dura
 Da Morte esse triunfo, ou tyrannia.
 Naõ se faiba que encerras
 De huma Deidade as cinzas,
 Nem se desculpe a Morte
 Com dizer que lhe guardas as reliquias.
 Meus olhos bem quizeraõ
 Vellas por dõr mais fina,
 E as viraõ, se naõ fóra
 Da fineza do Amor ter medo a vida.
 Escutame, ouviràs
 A dõr, que me lastima,
 E aceita do meu peito
 Victimas que em meus ays te sacrifica.

Ay!

23

Ay ! Deosa soberana
De mil Imperios digna,
Que em affectos fizeste
Que pareceffe o culto idolatria !
Ay ! celeste Belleza ,
Que na Esfera luzida
Do Olympo Lusitano
Impressoens desprezaste peregrinas !
Ay ! como te ecclypsaste
Fermosura divina ,
Se a mesma Divindade
Queria em ti guardar a copia viva !
Ay ! naõ me diga a Morte
Com desculpa atrevida
Que da mayor belleza
Na morta luz mór defengano anima !
Pois leza a Fermosura
Da sua cega oufadía
He sacrilegio o crime
Que mais que defengana , tyrannisa.
Naõ se diga que morta ,
Digase que escondida
Na esfera mais alta
Mas a viva logra a luz , que merecia.
Mas ay ! que alivio tanto
Se minha dõr mitiga,
Ainda na memoria
Deixa o Ceo incuravel a ferida !
Assim defacordada
A faudade dizia,
Quando hum mortal desmayo
Lhe embarga a voz , e lhe emmudece a lingua.

24
Ao Tumulo onde jaz o corpo da Serenissima
Senhora Infanta

DECIMAS ACROSTICAS.

I.

Re gio archivo da faudade
qui z occulta providencia
em morte que foy violencia
ater nizar a lealdade;
nã caduca a Magestade
don de o despojo he sobrano,
na ruina pasma o engano,
ei mperioso fiel culto,
do minando a força ao insulto
mi tiga no amor o danno.
II.
ne ve jaz , ince ndio inflama ,
thna à ancia , à fé vesuvio ,
F luz ao peyto, à dõr diluvio ,
per da à vista, aos evos fama
pe lo triunfo se aclama
tua ò Atropos , a empreza
lu gubre , porèm se a Alteza
ce deu a victoria à morte ,
at i o trofeo foy forte
ei. sso na Infante he grandeza.

III.

III.

Re liquias' para o conceito
 qui nto o Rey Joaõ persuade
 el tas, que a sua a piedade
 ca nonizaste no respeito;
 tin o foy, fezse preceito
 pa ra a veneraçãõ pura,
 ce sstando em tanta amargura
 a dõr, pois se se combina
 me nos mal he a ruina
 n. acendo della a ventura.

Braz Jozé Rebello Leite.

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

S O N E T O.

N Este jaspe de fombras enlutado
 A luz de Portugal cinzas descança;
 Mas o Amor que se anima da esperança
 O infortunio não cre, duvida o fado.

Se aos olhos se acabou, sempre o cuidado
 Em votos da saudade a urna cança;
 Que o pezar, o perdido, e a lembrança
 Soube fazer o jaspe idolatrado.

Na alma tão efficaz vive o tormento,
 Que prostrandose á urna acha possivel
 A vista, do que tem no pensamento:

Das fombras todo o horror julga vencivel;
 Pois he tal o poder do sentimento,
 Que faz perder à morte o ser de horrivel.

O Doutor Jeronymo Tavares Mascarenhas de Tavora.

26
*In obitu Serenissima D. D. Franciscæ Portu-
gallia Principis.*

EPIGRAMMA.

Morte tua, Princeps seculi pulcherrima nostri,
Quisque sua meritò luce carere putat:
Sed quid jam tristes querimur? tam lucida terræ
Non erepta, polo reddita stella fuit.

Comes Vimiosensis.

Ejusdem Serenissima Domine

EPI T A P H I U M.

Franciscæ exuvias tristis tegit urna, viator,
Virtutem potiùs contegit iste lapis.
Namque fuit maior Franciscæ Heroidas inter,
Religionis amans, & pietate gravis.
Inclita magnorum soboles fuit illa parentum
Virtutique genus par erat omne sibi.
Occubuit tandem fatis in flore juventæ,
Proh dolor! hic omnes exitus unus habet.
Miraris forsitan cecidit cur nobilis Infans?
Sol erat hæc Lysia; debuit ergo mori.

Thomas de Bem C. R.

*Lysia gemitus in obitu Serenissima D. D. Fran-
ciscæ Portugallia Principis.*

ELEGIA.

Lysia cur ploras? lacrimas cur anxia fundis?
Cur tristi roseas inficis imbre genas?
Tristia cur mæsto suspiria ducis ab ore?
Cur ægro querulus pectore luctus adest?

Inge-

Ingemis, & madido nemorosa cacumina planctu;

Ut tecum illacryment, mæsta movere potes.

Ingemis, & tenero laceras præcordia fletu;

Anxius augetur sæpe dolore dolor.

Parce, precor, lacrymis; undantia flumina siste,

Exprime, quæ luctus sit nova causa tui?

Proh dolor! Heu miseram cogis renovare dolore!

Cujus in ardenti pectore vulnus alo.

Occidit heu! tristem prohibent suspiria vocem

Mittere, non causam reddere verba valent.

Occidit, ah sileas! mærore immergier alto

Me sine, quis poterit corde dolente loqui?

Occidit, heu! Petri soboles Augusta secundi,

Quem Patriæ Patrem publica vota vocant.

Occidit illa virens juvenili tempore Princeps,

Cùm niveos flores pulchra juventa dabat.

Flos erat, & mortis mucrone elanguit atro;

Heu florum spatium quam solet esse breve!

Una dies aperit foliis viridantibus; ortu

Ridet, & occasu vix manet umbra sui.

Flos erat, & pulchro ridebant prata nitore,

Nunc tristes lacrymas arida prata cient.

Illa Venus, Paphiam pulchro quæ vicit honore;

In cineres abiens pulvere mersa jacet.

Sol erat, & radiis Lysio splendebat in axe;

Occubuit Lethes præcipitatus aquis.

Sol erat, & medium nondum compleverat orbem;

Vanescit splendor, flebilis umbra manet.

Purpura, Majestas, Diademata, Sceptra, Corona

Sunt nihil, & tumulo contegit atra dies.

Præcipiti si mole ruunt vaga Sidera Cæli,

Sidera quàm rapida morte minora cadent?

Causa mihi fletus hæc est; hæc causa doloris!

Hac mihi sollicita vivere forte pudet!

Clara triumphorum cessavit fama; cupressus

Posthabita lauro cingit atrata caput.

Atra caput cingat lacrymabilis illa cupressus;

Nam tristem solùm tristia ferta decent.

Vos celeres fluvii fluctus frænate fugaces,

Augebo lacrymis flumina vestra meis.

Astra

28
Astra polo, quæ fixa dies renovatis amicos,
Mærore infectas obtenebrate faces.
Sed quid ego hæc? frænēt rapidos vaga flumina fluctus
Obtenebrent que faces sidera mæsta suas:
Haud poterunt gratum præbere dolore levamen,
Mi semper maior causa doloris erit.

Traducção da Elegia Latina,

ENDECHAS ENDECASYLLABAS.

Que tens ò Portugal?
Dizeme qual he a causa,
Que a suspirar te obriga
Em tristeza a alegria transformada?
Reparo no teu pranto,
Porque lagrymas tantas,
Com que inundas as faces,
Indicios saõ da pena, que te mata.
Taõ vivamente choras,
Que essa corrente basta
Para obrigar aos montes,
A que sinto a dôr, que te acompanha.
Choras, e taõ ardentes
As lagrymas derramas,
Que podem abrandar
Duros rochedos, e asperas montanhas.
Suspende o lastimoso
Efeito dessa magoa,
Porque a dôr muitas vezes
A' vista de outra dôr se faz mais alta.
Esses olhos enxuga,
Esses supiros para,
E dizeme o motivo,
Que de teus olhos esse mar defata.
Ay de mim, que naõ posso
Articular palavra,
Pois trespassado o peito
Nelle abrio a ferida a Seta ervada?

Ay

Ay que tyranna d'òr !
Naõ queiras renovada
Ouvir da minha boca
A pena, que naõ cabe em toda huma alma,
Morreo : mas he melhor
Preguntas me naõ faças ,
Deixame naufragar
No golfo de huma d'òr desesperada.
Cortou a cruel morte
Aquella Augusta rama
Do Real Tronco de Pedro ,
A que acclammou seu Reyno Pay da Patria:
Morreo aquella Deosa,
Em que a neve animada
Com a purpura das Rozas
Deo ao mundo o milagre , que adorava.
Era flor , e da morte
A sacrilega espada
De hum golpe levou nella
Do mais ditoso Trono as esperanças.
Oh ! como de huma flor
He a vida abbreviada ,
Pois 'a manhã ao brio
O rigido de huma tarde despe a gala !
Era flor , que com a vista
Os prados alegrava,
E agora auzente choraõ
Quem lhes dobrava as flores , e a fragancia.
Aquella fermosura
De Venus envejada,
Que por incomparavel
A mesma enveja lhe ofrecia a palma.
Era Sol , que luzia
Na Corte Lusitana ,
Como Sol a choramos
Nas correntes do Lethes sepultada.
Sol era , que dos annos
Ao Zenith naõ chegava ,
E os rayos , que accendia ,
Ja em sombras trocou defanimada.

Essas,

30

Essas, que o mundo estima
Grandezas adoradas,
São apparencias vãs,
Que hum instante converte em pó, e em nada.
Se as mayores Estrellas
Caem precipitadas,
Qual ferà a ruina
Das menores, que brilhaõ menos claras?
Das lagrymas, que verto
Te tenho declarada
A causa, e ja não quero
Vida, que affronta he só da dõr tyranna.
Ja das minhas victorias,
Com que o mundo assombrava,
Não quero os louros, quero
Do Cypreste funcsto as tristes ramas.
Coroe-me a cabeça
Aquella escura planta,
Porque he justo que os tristes
Coroem com seus ramos as desgraças.
E vòs, rios, paray
Vossa liquida prata;
Augmentareis as ondas
Com outras de meos olhos defatadas.
Vòs, Estrellas do Ceo,
Que brilhae elevadas,
Escurecey as luzes,
Para que em sombras retrateis as magoas.
Mas ay! que digo eu triste?
Que voz defacordada
Cuida, que de meu peito
Declarar pòde a dõr, em que naufraga?
Pouco importa que os rios
Suspendaõ a agoa clara,
Ou que os astros enlutem
Com o horror das trevas o esplendor das chammas.
Persevere o meu pranto
Com lagrymas amargas,
Que para ser perpetuo
Tem meu pezar no seu motivo a causa.

Glosa ao Soneto de Luiz de Camoens na qual ex-
prime Portugal o seu sentimento na morte da
sua bellissima Infanta a Senhora
D. Francisca.

SONETO.

Alma minha gentil, que te partiste
Taõ cedo desta vida descontente,
Repoufa là no Ceo eternamente
E viva eu cà na terra sempre triste.
Se lá no assento etereo, onde subiste
Memoria desta vida se consente,
Naõ te esqueças daquelle amor ardente,
Que ja nos olhos meus taõ puro viste;
E se vires que pòde merecete
Alguma cousa a dõr, que me ficou
Da magoa sem remedio de perderte:
Roga a Deos, que teus annos incurtou,
Que taõ cedo de cà me leve a verte,
Quam cedo de meus olhos te levou.

G L O S A.

I

Que importa que separe a fera morte
Os extremos, que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intima o corte
Vive a alma no affecto mais unida:
E posto te imagine, oh triste sorte!
Nos horrores de hum tumulto escondida
Nunca do peito meu te dividiste
Alma minha gentil, que te partiste

E

II

II.

Se no Regio Pensil flor animada
 Purpuras arrastrava a galhardia
 Por isso na belleza inseparada
 A duraçãõ efimera existia :
 Se està na fermosura vinculada
 Esta da morte occulta simpathia,
 Que muito te auzentasses brevemente
Taõ cedo desta vida descontente ?

III.

Como flor acabou quem roza era,
 Porèm nessa fragrancia transitoria
 Naõ quiz ser flor na humana Primavera,
 Por viver Serafim na excelsa gloria:
 Ja que o desejo meu te considera,
 Gozando nesse Empyreo alta victoria,
 A pezar da faudoza dõr vehemente
Reposfa là no Ceo eternamente.

IV.

Nessa patria de rayos luminosa
 Donde immortal se adora a luz immensa,
 Alegre viviràs , alma ditosa
 Sem limite ja mais na gloria intensa ,
 Que eu infeliz em ancia luçtuosa
 Farey no meu gemido a dõr extensa ;
 Eterno goza tu o bem que viste ,
E viva eu cà na terra sempre triste.

V.

Naõ cuides que o affecto de adorarte
 Se extinguiu nos limites de perderte ;
 Porque na viva fé de idolatrarte
 Na memoria conservo o bem de verte :
 Taõ constante me elevoem venerarte ,
 Que naõ sey que pudesse mais quererte
 Se cà na terra dura onde me viste,
Se là no assento etereo onde subiste.

VI.

E se nesse brilhante firmamento
 De algum humano bem memoria dura,
 He porque no lugar da culpa izento
 Não se veja do ingrato a mancha impura,
 Lembrete pois, ò alma, o vago alento,
 Que em suspiros exala esta ancia pura,
 Lembrete; pois tambem no Ceo luzente
Memoria desta vida se consente.

VII.

Quantas vezes a tanta galhardia
 Portugal sacrificios dedicava:
 Nos altares de hum peito amor ardia,
 Nos ardores de huma alma amor se achava;
 Se este extremo que em luzes se acendia,
 Era fragoa de amor, que se abrazava,
 Para alivio efficaz de hum peito auzente
Não te esqueças daquelle amor ardente.

VIII.

Mas se algum dia o gosto por activo
 Em cristalino rizo se explicava,
 (Que tambem o prazer quando excessivo
 Pelos olhos rethorico fallava)
 Hoje corre turbado o successivo
 Cristal, que o gosto amado publicava
 Turvo destilla a magoa o pranto triste,
Que ja nos olhos meus tão puro viste.

IX.

Para eterno Padraõ huma saudade
 Mausoleo immortal se erije: oh quanto
 Pòde huma dõr! pois toda a eternidade
 Breve circulo he de affecto tanto:
 Recebe pois, ò inclita Deidade
 O liquido holocausto de meu pranto,
 Se acaso digno he de engrandecerte,
E se vires que pòde merecerte.

X.

34

Neste fero tormento desigual
Sem remedio me vejo enloquecer,
Sendo sómente alivio para o mal
Nesta auzencia infeliz por ti morrer:
Vivo taõ fatisfeito do fatal
Tormento, que me obriga a padecer,
Que mitigo no mal, que me deixou
Alguma consa a dor, que me ficou.

XI.

Viste as Tagides bellas lamentando
Entre as ondas do Tejo a morte escura,
Que lacrimoso feudo derramando
Daõ a Neptuno infausta investidura?
Vistes os patrios montes arrancando
Do coração da penha a fonte pura?
Pois tudo effeitos saõ, se bem se adverte;
Da magoa sem remedio de perderte.

XII.

Mas se tens por objecto o Celestial
Numen, de quem te ostentas girasol,
Felice tu mil vezes que immortal
Vives eterna à sombra desse Sol.
E se pois transmigrou teu ser mortal
A hum sublime ser, sendo Crisol
Da virtude, que a tanto te exaltou,
Roga a Deos, que teus annos encurton.

XIII.

Quantos desejarãõ no grave espanto
Da auzencia, que formaste hoje em retiros,
Abrandar essa urna com o pranto,
Acender essas cinzas com suspiros!
Qual à morte dirà: Naõ tardes tanto,
Levame a mim tambem em vagos giros,
Pois quam cedo de mim soube esconderte,
Que taõ cedo de cá me le-ve a verte.

XIV.

XIV.

Qual nevada Bonina, que o subtil
 Matutino licor feliz bebeu,
 A quem o Sol ardente em rayos mil
 A odorifera pompa lhe abateu:
 Assim ò bella Infanta, alma gentil,
 Noto no seu estrago o golpe teu,
 Que admirado do mal por certo estou,
Quam cedo dos meus olhos te levou!

Do Doutor Antonio Jozeph. da Sylva.

A morte da Senhora Infanta D. Francisca

SONETO.

INda que a morte com acção tyrana
 Desarme o golpe contra a Regia vida,
 Nunca o respeito teme essa ferida
 Armado da grandeza soberana.

A mais bella Deidade Lusitana
 Deixou a morte a cinzas reduzida:
 Mas sendo vencedora, foy vencida,
 E aciou divina quem cuidava humana.

De Lyfia amante no saudoso peito
 Adorada vê sempre essa Deidade
 Da condição mortal frustrado o effeito.

Rasgou os fóros à mortalidade,
 Pois o que he só no Mausoléo respeito,
 Culto se immortalisa na saudade.

36
*In obitu Serenissimæ Portugalliæ Infantis D.D.
Franciscæ Josephæ.*

EPIGRAMMA.

L Aberis (inscriptus fueras Flos Nomina Regum)
Grandine ceu fusa tacta ligustra cadunt!
Quæ fato meliore frui dignissima, Lusis
Gratior, hanc nobis abstulit atra dies!
Atra quidè, sine te quando mea Lysia sole
Sola manet, fati nocte sepulta tui!
Vade tamen, felixque tuis super ardua Cœli
Sydera scande, diem lux tua sæpe dabit.
Flos fueras, Florem selectum carpsit Olympus:
Sol fueras, cælo clarior ergo micæ.
Te cecidisse rear? Phœbo satis æmula cursum
Dirige, Sydereâ pulchrior arce nites.
Te cecidisse rear? nunquam periisse fatebor:
Quæ mors est aliis, vita beata tibi est!
Urna tegat cineres, cœlo miscebis odores:
Inviçti Regis sic soror esse potes!
Narcissus periit Carolus, tu proxima Myrta:
Myrta Diis grata est, gratus & ille fuit.
Vivite, felices; potes indulgere dolori
Lysia, funestis dedecet esse tuos.
Brigantina Domus celsa est radicibus arbor:
Si quando flores spargit, Olympus habet!

A L I U D.

R egibus intactus, viridanti in gramine gemmans
Flos erat, ut Lysii florea ferta daret.
Nam virtutis amor latè fundebat odorem,
Viden odorato germine ridet adhuc!
Germinat ille polo: felix Lusitania, felix!
Floribus en Lysii hortus Olympus adest!
Non Reges meruere frui: Clarissima Virgo,
Debita virtuti Sydera pro thalamo!

EPI.

E P I T A P H I U M.

37
Q Uæ melior Veneris potuit considerare concha ;
Hic jacet, & formam conficit una dies!
Ah periit, veluti cùm flos succifus aratro!
Fortunæ hoc tumulo regna iuperba patent!
Currite vos Tagides, manibus date lilia plenis,
O Lysii, flores spargite purpureos.
Plorate heu celerem fugitiva ætate rapinam!
Si lachrymis digna est, quam rapuere Dii.
Ergo forma manet, qua non speciosior ulla,
Surgere de tumulo nam quoque Stella potest.
Angelus idcirco Stellam comitatur euntem;
Sydus Lusiadis incipis esse tuis?
Sola polo posses, Infans, æquare sepulchrum!
Sic poteris luctus attenuare tuos!

Strepebat Anser inter Olores.

Hieronymus Sylvius de Araujo, Advocatus.

F I M.



ST. JAMES'S PLACE, LONDON.

THE
MUSEUM
OF
NATURAL
HISTORY
AND
MINERALOGY
OF
THE
CITY OF
LONDON
AND
THE
COUNTY OF
MIDDLESEX
AND
THE
COUNTY OF
SURREY
AND
THE
COUNTY OF
KENT
AND
THE
COUNTY OF
ESSEX
AND
THE
COUNTY OF
GLoucestershire
AND
THE
COUNTY OF
WILTshire
AND
THE
COUNTY OF
DORset
AND
THE
COUNTY OF
DEVON
AND
THE
COUNTY OF
SOMERset
AND
THE
COUNTY OF
GLoucestershire
AND
THE
COUNTY OF
WILTshire
AND
THE
COUNTY OF
DORset
AND
THE
COUNTY OF
DEVON
AND
THE
COUNTY OF
SOMERset

1810







